



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Um olhar para o filme “O Banheiro do Papa”: diálogos entre fronteiras e mídias¹

Juliana Zanini Salbego²

Marcelo da Silva Rocha³

Universidade Federal do Pampa, Unipampa, RS

Resumo

O presente artigo tem por objetivo a análise do filme *O Banheiro do Papa*, narrativa do ano de 2001, com base na perspectiva teórica dos estudos de fronteira, da cultura e da mídia. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que possibilitou um diálogo entre autores como Pesavento (2002), Santos (1994) e Sodré (2002). Para a narrativa fílmica, realizou-se uma análise a partir da perspectiva de Diana Rose (2007), na articulação das dimensões verbais e visuais na análise de imagens em movimento. As fronteiras, em suas diversas dimensões são representadas na narrativa a partir de vários signos visuais que constroem um enredo instigante. A construção do banheiro é apenas o pano de fundo para a discussão de temas complexos como a pobreza, a corrupção e a construção dos acontecimentos midiáticos.

Palavras-chave: Fronteiras, Narrativa Fílmica, Mídia; Banheiro do Papa.

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais integrante do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

² Professora do Curso de Publicidade e Propaganda e do Mestrado Profissional em Indústria Criativa da Unipampa, Campus São Borja. E-mail: julianasalbego@unipampa.edu.br

³ Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Unipampa, Campus São Borja. E-mail: marcelorocha@unipampa.edu.br



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Introdução

No final da década de 80, a cidade uruguaia Melo entra no roteiro do Papa e enxerga uma oportunidade de alavancar a economia local. O protagonista Beto pretende atender a população na romaria criando o Banheiro do Papa, mas precisa enfrentar muitos desafios para colocar a sua ideia em prática. A partir da breve sinopse da narrativa fílmica propomos aproximações com as questões relativas à perspectiva das fronteiras. Podemos observar que nos é dada a possibilidade de discussão deste conceito sob diversas perspectivas: as fronteiras político-geográficas entre a cidade de Melo, no Uruguai, e a cidade de Aceguá, no Brasil; as fronteiras econômicas e culturais que separam-unem os moradores de ambas as cidades; as fronteiras da língua portuguesa e espanhola; as fronteiras entre a crença, a religião e a decepção; as fronteiras simbólicas existentes entre a construção dos acontecimentos midiáticos e a realidade; e por fim as fronteiras inexistentes entre os sujeitos sociais que suscita a questão: quais as diferenças, se é que existem, entre os moradores destas cidades?

Objetivos

O presente artigo tem por objetivo a reflexão e análise do filme *O Banheiro do Papa*, narrativa do ano de 2001, com base na perspectiva teórica das visualidades, mídia e dos estudos de fronteira.

Metodologia

A metodologia utilizada está ancorada na pesquisa bibliográfica a partir das perspectivas teóricas de Pesavento (2002), Santos (1994) e Sodré (2002). Para a narrativa fílmica, realizou-se uma análise a partir da perspectiva de Diana Rose (2007), na articulação das dimensões verbais e visuais na análise de imagens em movimento. Segundo Rose (2002), os meios audiovisuais são um conjunto complexo de sentidos, imagens, técnicas, composições de cenas, sequências e outros elementos. Em virtude



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

desta amálgama complexa, a autora desenvolve uma metodologia específica que busca dar conta dos aspectos visuais e verbais da mensagem audiovisual.

Resultados, discussão e análises

Quando refletimos acerca de fronteiras, provavelmente a primeira coisa que se afigure, seja a ideia de divisão, de fronteira como algum tipo de limite, como algo que divide uma coisa de outra. Esta perspectiva nos é tão comum porque a divisão entre países, estados e cidades, a partir de fronteiras, que são geográficas e políticas, são introjetadas em nossas formas de pensar desde a mais tenra infância. Esta forma de cognição faz parte da necessidade de constituirmos quem somos a partir da necessidade da diferença. É a construção de nossa identidade que passa pelos processos de delineamento de fronteiras, que também são, e em primeira instância, dependem da noção de territorialidade – as fronteiras materiais.

Contudo, muito menos materiais, estáticas e sólidas que as fronteiras físicas, as identidades culturais são flexíveis e móveis, pois até mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, escondem negociações de sentidos.

Outrossim, as fronteiras, muito antes de serem físicas, são simbólicas e se afiguram como marcos mentais que permitem a organização da realidade: a ideia de uma nação, de uma comunidade, por exemplo. “As fronteiras são, sobretudo, culturais, construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo” (PESAVENTO, 2002, p.35-36).

As fronteiras simbólicas mais elementares são aquelas que construímos entre nós e o nosso exterior. Nesse sentido, podemos observar que a característica da fronteira está em toda a parte onde pudermos enxergar uma diferença de cultura ou identidade. Nesse sentido, a tendência de pensarmos as fronteiras como sendo físicas, territoriais e sempre desembocando em questões de cunho político podem ser senão superadas, mas longamente ampliadas. A fronteira que se afigura como a demarcação de uma



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

territorialidade e com a fixação de limites também aponta para a determinação de uma fronteira que é simbólica, uma vez que acena para a fixação de uma identidade, ou seja, uma ‘delimitação simbólica’ do sujeito enquanto diferença. De acordo com Pesavento, a identidade é uma construção simbólica de pertencimento e que “corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença” (PESAVENTO, 2002, p.36). Desta forma, podemos pensar a fronteira como um lugar de reconhecimento em que aparecem analogias, oposições e também correspondências de igualdade.

Neste mesmo caminho, um aspecto a discutir é a questão da limitação que o conceito de fronteira pode trazer ou quebrar. Ao invés de pensarmos a fronteira como um marco estático, um local onde os processos são barrados, estancados, o caminho inverso é possível. Conceber a fronteira como um lugar de passagem, de comunicação, de intercâmbio aparece como uma maneira positiva e dinâmica de tratar deste assunto. O processo em que uma fronteira aparece como barreira de difícil transposição fica fortemente representado na narrativa do filme quando Beto, e outros moradores de Melo, são barrados e humilhados pela polícia corrupta de fronteira. Deixando de lado as questões inevitáveis calcadas em diferenças comuns entre os países, como questões relativas às leis, à moeda, à língua e à economia, pesa em certas cenas do filme, a força de uma diferença de caráter e de identidade que vão muito além das fronteiras de duas nações.

Considerações

A narrativa é repleta de situações acerca das diferenças e aproximações decorrentes das fronteiras culturais. A primeira acerca da realidade da vida daquela menina, humilde e sem oportunidades e de seus sonhos, prontos a serem realizados, a filha de Beto. De outro lado, mas não diferente nem menos importante, a fronteira entre a pobreza e o abastamento, entre o desejo do pai que almeja o melhor para a filha e a necessidade de mantê-la com os pés presos ao chão – protegendo das ilusões vãs e decepções acerca da vida. Depois de viver sonhos e esperanças alimentados também pela



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

cultura midiática, Silvia, a filha, premida pela necessidade de trabalho apontada pelo pai, ao fim da narrativa, quando tudo deu errado, se rende às condições de trabalho de seu pai. As fronteiras entre sonho e realidade se esfacelam duramente.

A questão da fronteira entre a realidade dos acontecimentos e a construção destes por parte da cultura midiática. Aqui o conceito de midiatização é trazido para falar a respeito de “uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, (...) e com ênfase num tipo particular de interação” (SODRÉ, 2002, p.21). Esta mediação foi o que construiu uma ideia ilusória da grande Romaria que tomaria Melo, mudando a economia e a vida dos moradores daquela pequena cidade.

A partir da narrativa do filme fica desmascarado o mito de que a mídia apenas informa o que existe. Na verdade, muito além de informar, ela constrói os fatos, se posiciona e isso fica muito claro na construção da fantasia de que o vilarejo de Melo receberia uma grande população acerca da visita do Papa. No caso do filme, a construção do acontecimento, que foi apenas midiático, mexeu com a vida de uma cidade toda que vive na pobreza. Esta fronteira foi transposta, ultrajada e estilhaçada.

Referências

PESAVENTO, Sandra. **Além das fronteiras**. In: Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina. Maria Helena Martins (org). SP: Ateliê Editorial, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1994.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Marin e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.